

O REAL E O VIRTUAL NA FORMAÇÃO DE PESSOAS NA EDUCAÇÃO ABERTA A DISTÂNCIA

I. F. Costa¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus
CearáMirim

RESUMO

O presente artigo pretende fazer um esboço do trabalho realizado por meio de Educação Aberta a Distância (EAD). Procurou-se, de maneira sucinta, traçar um perfil das pessoas envolvidas no processo: aluno e tutor; bem como delimitar o real e o virtual neste contexto específico. Discutiu-se o peso das tecnologias no processo e as atribuições do educador diante dessas tecnologias e do aluno. Procurou-se, ainda, compreender o hipertexto e seu papel na educação contemporânea.

Palavras-chave: EAD, virtual, tecnologia, educação, tutor, aluno.

INTRODUÇÃO

Tênuos são, hoje, os limites entre real e virtual. A vida via rede de computadores não é mais ficção científica, e o homem reaprende a viver no mundo que ele próprio criou para si.

Diante da informatização que esse século experimenta, todo processo cultural de que fazemos parte precisa ser repensado e reescrito, essa reescrita, porém, não se dá de maneira simples, pois requer quebra de paradigmas há muito arraigados em cada um de nós. Assim, reescrever a cultura é, necessariamente, construir um novo humano. "Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos não. É difícil mudar padrões adquiridos." (MORAN, 2002). Neste trabalho procuramos compreender como as pessoas envolvidas nesse processo, seja na condição de tutor e/ou professor, seja na condição de aluno, apropriam-se da cultura virtual no processo de formação formal.

As angústias que outrora afligiam a humanidade já não são as mesma, as angústias que hoje afligem o homem são outras. Hoje o tempo depõe contra nós em todo momento. E para nossa nova realidade, faz-se necessária uma nova escola. "O conhecimento é como uma teia de ideias interconectadas que atravessa vários domínios, ao passo que a escola tradicional mantém sua visão paroquial, localizada" (PASSARELLI, 2006). Claro que o próprio modelo de escola tradicional já sofreu modificações uma vez que a Educação Aberta a Distância, EAD, já se faz presente na vida cotidiana das escolas de forma sistematizada, ainda que não seja seu principal foco.

Cercamo-nos de tecnologia e somos escravos dela. Computador, celular, *data-show*... Tanta inovação leva-nos a um mundo, a um tempo prático e caótico. Prático a quem sabe se servir dele, caótico a quem está à margem dele. Além do mais, não podemos nos distanciar dos meios que já conhecemos, temos sim que nos apropriar de novos meios, todavia, os antigos

meios não perderam sua validade. "a fala, a escrita e o texto impresso são, e vão sempre continuar a ser, tecnologias fundamentais para a educação" (CHAVES, 1999). também cabe se posto que não estamos aqui afirmando que o texto escrito, por exemplo, continua gozando do mesmo status, seu papel fica sim relativizado frente à novas tecnologias. Contudo, faz-se necessário afirmar nesse cenário pós-moderno da educação, os meios se diversificam e se sobrepõem ora com maior preponderância, ora com menor.

E se a vida passa por profundas modificações nessa chamada revolução digital, a educação também o faz. Antigos paradigmas pedagógicos são postos à prova, aperfeiçoados, reafirmados ou simplesmente postos de lado. Novos modelos são, portanto, adotados para que a nova educação de que falam os entusiastas das tecnologias, seja responsável e se calque em pressupostos seguros, pois alunos não são cobaias e erros na educação custam caro, às vezes custam vidas. Temos, pois, de calcular os riscos, mas não podemos fugir do que é novo, "A visão do processo da educação a distância tem evidenciado que o trabalho de aprender envolve ousadia, para atuar criativamente e produzir conhecimentos abertos à aceitação do novo" (EMERENCIANO *et al.*, 2002).

A EAD, Educação Aberta a Distância, aparece na nossa sociedade não como uma opção de acesso à educação, mas como uma nova forma de se fazer educação: são propostas novas e inovadoras, e não apenas uma nova roupagem. Propostas que para acontecerem necessitaram da preexistência de uma tecnologia até há bem pouco tempo, utópica.

Com as novas tecnologias eletro-eletrônicas, digitais, abre-se para o ensino a distância uma nova era, e o ensino passa a poder ser feito a distância em escala antes inimaginável e pode contar ainda com benefícios antes considerados impossíveis nessa modalidade de ensino: interatividade e até mesmo sincronidade (CHAVES, 1999).

Construir parâmetros para EAD pressupõe fazer uma profunda análise em nossos conceitos de educação para fazermos uma reengenharia que passa por tudo o que entendemos por didática. Paradoxalmente, a didática que acontece via máquina, precisa ser essencialmente humana.

Moore e Kearsley apontam cinco gerações que caracterizam historicamente a EAD, estudando em detalhe (MOORE e KEARSLEY, 2007):

- Primeira geração: ensino por correspondência;
- Segunda geração: rádio e televisão;
- Terceira geração: abordagem sistêmica (incluindo as universidades abertas);
- Quarta geração: teleconferência; ▪ Quinta geração: computador e Internet.

Assumindo esta linha histórica, temos o ambiente virtual o mais aceito atualmente, devido ao exponencial aumento no uso do computador e, como consequência, da Internet.

Temos ainda que criar perfis. Afinal, o aluno "virtual" não é só um aluno distante, ele tem um perfil diferente do aluno de um curso presencial. O tutor em EAD também não é apenas um professor a distância, é um profissional com

características próprias que precisa, antes de qualquer coisa, ter consciência de seu papel frente ao seu aluno para ter condições de fazer a diferença nesse processo, provocando uma real interação com o grupo. O que, na visão de Moran, torna a EAD mais completa que a educação convencional, porque incita a interatividade.

As tecnologias interativas, sobretudo, vêm evidenciando, na educação a distância, o que deveria ser o cerne de qualquer processo de educação: a interação e a interlocução entre todos os que estão envolvidos nesse processo (MORAN, 2002).

Assim, no presente estudo, pretendemos esboçar o trabalho em EAD pensando na realidade que se põe diante de nós em relação às tecnologias que invadem nossas vidas dia após dia, pensando ainda na relevância da EAD para a sociedade, bem como no perfil do profissional em EAD e no perfil do aluno virtual, procurando sempre repensar os limites entre o virtual e o real perante os desafios de se fazer essa nova educação. **VIRTUAL x REAL, OPOSTOS?**

Para o dicionário Aurélio, virtual é

Adj. 1. Que existe como faculdade, porém sem efeito atual. 2. suscetível de realizar-se; potencial. 3. *Inform.* Que é feito de simulação ou simulação de determinados objetos, situações, equipamentos, etc., por programas ou redes de computador (FERREIRA, 2001, p. 713).

Como a maioria dos verbetes do dicionário, esse também diz pouco do termo a que aludimos no contexto em que está inserido neste trabalho.

O conceito de virtual para a EAD não pode estar atrelado a um potencial de existência. O aluno virtual, bem como o professor e todo o aprendizado que acontece em um curso virtual é palpável, o que o difere do real é o desencontro de tempo e espaço, mas todo o trabalho é realizado e não simulado, há um interferência efetiva no mundo dos envolvidos no processo. Ainda segundo o dicionário Aurélio, real é aquilo que de fato existe, que é verdadeiro (FERREIRA, 2001, p. 583). Ora, a EAD é real como qualquer outra forma de educar. Então, onde se estabelecem delimitações entre o real e o virtual nas perspectivas da EAD?

Delimitemos, pois, aqui, a noção de real para a EAD. Chamamos de curso virtual o curso que acontece entre pessoas distantes fisicamente umas das outras, mas que estabelecem entre si um vínculo por meio de mídias diversas. "Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos são separados espacial e/ou temporalmente" (MORAN, 2002). Cabe ainda ressaltar que as tecnologias mudaram, mas a EAD não é uma novidade destes nossos tempos, essa modalidade de educação acontece há um tempo considerável. Como nos apontam Bastos e Guimarães:

A Educação a distância (EAD) não é uma ferramenta nova; é mais antiga do que parece, pois já tem mais de um século de existência. Seus primórdios remontam ao ano de 1881, quando William R. Harper, primeiro reitor e fundador da Universidade de Chicago ofereceu, com absoluto sucesso, um curso de Hebreu por correspondência. Em 1889, o Queen's College, do Canadá, deu início a uma série de cursos a distância, sempre registrando

grande procura por eles, devido, principalmente, a seu baixo custo e às grandes distâncias que separavam os centros urbanos. Daquela época em diante, a EAD foi sendo desenvolvida utilizando-se as mais variadas estratégias, ferramentas e tecnologias (BASTOS e GUIMARÃES, 2003).

Todavia, esse vínculo, hoje mais marcadamente possibilitado pela Internet, que faz do virtual um modelo real de educação, uma educação que acontece, primordialmente, por meio da interação.

Assim, se são reais os resultados da EAD, não podemos aceitar a relação de antonímia para as palavras real e virtual. Virtual fica sendo então, diante dessa perspectiva, uma forma nova de se fazer educação, que até traz diferenças em relação ao modelo antigo, mas que não o contesta ou desmente.

INFORMATIZAÇÃO: PROCESSO IRREVERSÍVEL

Diante do processo de informatização em curso em nível mundial, podemos e devemos fazer questionamentos de ordem ética, mas certamente será vã a tentativa de frear tal processo. A tecnologia se põe diante de nós e a

nós cabe a tarefa de sermos sujeitos ou assujeitados frente a essa realidade.

Não será tratado, neste trabalho, o fator econômico envolvido neste processo, aspecto relevante da chamada exclusão digital, e não será feito não por desconsiderá-lo, mas pela escolha de querer abordar outros aspectos mais relevantes, e talvez mais pertinentes ao tema do trabalho. Até porque a exclusão digital ultrapassa o fator econômico. "Na chamada era do conhecimento, ID (inclusão digital) é uma questão básica de cidadania, como é no acesso aos serviços públicos, educação e saúde" (NERI, 2003).

Pois bem, o processo a que chamamos exclusão na sociedade consiste na marginalização de parte dos membros dessa sociedade em relação a algo; então, por exclusão digital, entende-se que, na sociedade atual, excessivamente informatizada, há pessoas que estão à margem da tecnologia vigente. Ou mais precisamente, na prática, mesmo com toda a expansão da Internet em todos os meios da sociedade, ainda há pessoas - muitas - que não têm acesso a ela. Pessoas cujo domínio básico de informática é insuficiente ou mesmo inexistente.

Como já mencionado anteriormente, não é objetivo deste trabalho tratar das questões econômicas que envolvem a exclusão, pois serão tratadas questões culturais que perpassam esse problema. "Para a inteligência coletiva, o principal obstáculo à participação não é a falta de computador, mas o analfabetismo e a falta de recursos culturais" (LÉVY apud LEMLE, 2006).

Em se tratando de EAD, não podemos conceber um grupo de alunos totalmente leigos em informática, mas também não podemos supô-los peritos. E por isso aqui chamamos de fatores culturais os motivos da potencial exclusão em EAD. Por um lado o aluno precisa encarar o novo como ferramenta de trabalho e não como obstáculo. Ao participar de um grupo de estudo via Internet, seja qual for o nível, temos que aceitar que, relativamente ao ensino convencional, temos diante de nós um novo formato de educação, um novo conceito de grupo, novas noções de tempo e espaço, bem como uma nova linguagem. O aluno precisa, diante disso, estar pronto para o novo.

Em contrapartida temos o professor que supõe esse aluno que domina a tecnologia necessária para o trabalho em questão, mas que se o fizer com extremismo pode provocar a exclusão de forma contundente. Pois o aluno pode até ser um perito em informática, mas isso não fará dele um aluno melhor, principalmente se estiver fazendo não for um curso de informática.

As tecnologias disponíveis devem, pois, nos remeter a uma comunicação eficaz, pois sem comunicação, seja no âmbito da EAD, o conhecimento não pode ser construído. O êxito da comunicação depende não apenas dos recursos tecnológicos que serão utilizados, mas também e, principalmente, da concepção pedagógica que sustenta essa tecnologia (BASTOS e GUIMARÃES, 2003).

Uma das possíveis maneiras, então, de encontrarmos um meio de não excluir por meio de EAD é desenvolver trabalhos que tenham como alvo alunos que, com um conhecimento razoável de informática, alcancem os níveis de produção de conhecimento necessários à sua vida acadêmica, trabalho realizado por meio de uma multiplicidade de mídia para que se alcance tal propósito.

Um sistema educacional que se proponha aberto deverá privilegiar a obtenção e organização do conhecimento, para possibilitar ao indivíduo uma visão global do mundo, valorizando a inovação e a descoberta como etapas fundamentais do processo de aprendizagem (PASSARELLI, 2006).

A percepção do nível de interação do aluno com as mídias, de uma forma geral, fica a cargo do tutor. Vale ressaltar que não falamos aqui de dados facilmente perceptíveis ou mesmo quantificáveis. Saber qual é o domínio que o aluno virtual tem de informática, para a partir daí, desenvolver o trabalho, é um diagnóstico possível somente ante a um contato entre tutor e aluno. Contato antes de tudo humano, mesmo que a distância é virtual. Pensemos, pois, no próximo tópico, nessa necessidade latente de ser o tutor uma figura humana e humanizadora, que anima o processo dando-lhe vida, atribuindo-lhe sentidos - e muitas vezes sentimentos - que ultrapassam a cadeia cibernética.

Moore e Kearsley defendem que as mídias de áudio e vídeo não são utilizadas em sua totalidade, ou seja, aproveitando-se seu potencial completo. Isso ocorre, dentre outros motivos, pois essa abordagem exige o conhecimento profissional especializado. Por outro lado, os autores criticam o amadorismo na produção de áudio e vídeo em função dos novos softwares que podem ser utilizados em computadores pessoais:

"Existem muitos poucos especialistas nas disciplinas que têm o tempo e o conhecimento para também serem excelentes produtores. Portanto, em termos gerais, é melhor deixar esses aspectos técnicos de produção de materiais de áudio e vídeo para as pessoas que dedicaram suas carreiras à aquisição e manutenção de conhecimentos profissionais" (MOORE e KEARSLEY, 2007, p. 83).

TUTOR: HUMANO E PROFISSIONAL

A educação não trabalha conceitos fechados e matemáticos porque possui pessoas no seu raio de ação, e pessoas não são fechadas em

conceitos, pessoas são seres altamente mutáveis, dinâmicos, indivíduos ímpares.

E o tutor de EAD, como todo verdadeiro educador, tem que, com tato, compreender o novo universo que precisa conquistar a cada nova turma com que depara diante de si. "As pessoas são diferentes, e realizar educação centrada na pessoa requer do educador colocar-se a frente a esse desafio, ou seja, facilitar o processo ensino" (BASTOS e GUIMARÃES, 2003). E entendem-se aqui diferenças, como, aliás, apontam as referidas autoras, como diferenças culturais, desde a língua e o social-econômico até os fatores psicológicos que particularizam cada ser.

Uma experiência bem sucedida em tutoria a distância, portanto, acontecerá diante de um empenho profissional do tutor, mas também pessoal, humanístico. Bastos e Guimarães relatam em um artigo tratando do tema a experiência que tiveram como alunas em EAD e assim descrevem o trabalho dos tutores

...estabeleceram o desafio de realizar uma relação dialógica com os alunos, por meio de um acompanhamento e dinâmica de ensino que lhes dessem a certeza de que não estavam sozinhos e de que o processo ensino-aprendizagem fosse algo verdadeiramente compartilhado (BASTOS e GUIMARÃES, 2003).

No mesmo trabalho, as autoras abordam a responsabilidade de o tutor apoiar o aluno no processo de aprendizagem respeitando a individualidade no que tange ao ritmo próprio de cada aluno com vistas à valorização das conquistas individuais ou coletivas, bem como a integralização de cada um ao grupo, fatores essencialmente humanos e imprescindíveis ao processo.

A tecnologia é fundamental para que a EAD funcione nos moldes que a pretendemos no século XXI, contudo, o homem é peça chave nessa empreitada dos novos tempos. Como nos aponta Emerenciano et al. (2002), é pretensão da EAD fazer educação "apoiados no aproveitamento da tecnologia, sem prescindir dos valores".

Educar é, em primeira instância, lidar com valores. "As relações que se estabelecem entre os valores - transcendental, ético, moral, liberdade - são claramente destacadas na educação brasileira" (EMERENCIANO et al., 2002). E não há de ser diferente na relação tutor/aluno, ou antes, esses valores serão ainda mais necessários para que a máquina não se sobreponha ao homem.

Ainda no trabalho supracitado os autores enumeram valores, atitudes e disposições necessários ao tutor em EAD.

Valores: -responsabilidade social/-solidariedade/-espírito de cooperação/-tolerância/-identidade cultural

Atitudes: -promoção da educação de outros/-defesa da causa da justiça social/-proteção do meio ambiente/-defesa dos direitos humanos e dos valores humanistas/-apoio à paz e à solidariedade.

Disposição: -para tomar decisão/-para continuar aprendendo (EMERENCIANO et al., 2002).

Em suma, é o tutor, para os muitos estudiosos dessa nova educação que acontece a distância, um ser antes de tudo próximo, tão próximo que está sempre por perto quando o aluno dele precisa, perto e pronto para ajudar,

como deve ser entre pessoas verdadeiramente conscientes do papel que exercem perante o outro.

O MUNDO NO HIPERTEXTO

Pensar em EAD no século XXI, com o advento da Internet, significa repensar todo processo de produção de conhecimento até então pensado na humanidade. Do livro chegamos ao hipertexto. O que lucramos com isso?

Como nos aponta Parente, o livro não exerce hoje, a mesma força de outrora. Supervalorizar, então, o livro em detrimento do hipertexto é saudosismo (PARENTE, 1999). A era em que vivemos exige-nos velocidade e parece que o hipertexto atende melhor a essa questão, bem como outras pertinentes ao mundo contemporâneo.

A procura de um livro em uma biblioteca demanda tempo, a compra da obra demanda um custo alto e também um tempo considerável. Ao passo que por meio do hipertexto e da Internet temos contato com o mundo via teclas e monitor. Este artigo, por exemplo, todo produzido, intencionalmente, por meio de citações pesquisadas na Internet, é uma constatação de que os livros jazem nas prateleiras das bibliotecas. Se os mesmos, ou até melhores argumentos poderiam ser encontrados lá na biblioteca, a pressa imposta pela sociedade contemporânea não mais nos permite dispor de tempo para concluirmos em tempo hábil as muitas e múltiplas tarefas que têm os profissionais. Também o formato do hipertexto já propõe uma reorganização do conhecimento cognitivo. Por meio do livro impresso temos o conhecimento de forma linear. Claro que, leitores diferentes adotarão estratégias diferentes de leitura, podendo, por exemplo, ler o livro de trás para a frente. Mas, via de regra, a leitura é mais ou menos previsível quanto à linearidade. Ao passo que, no hipertexto, cada nova leitura supõe um caminho diverso.

Tomando a concepção de hipertextualidade como ponto de convergência de outros conceitos, constatamos que ela revela os limites e por isso mesmo, a falência do discurso tradicionalmente lógico, acabado, fechado em si. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento humano (CORREIA e ANDRADE, 1998).

As possibilidades de leitura se multiplicam geometricamente de acordo com os interesses do leitor. Este trabalho, por exemplo, o leitor que quiser enveredar-se pelas referências bibliográficas dele, basta estar conectado à Internet para se aprofundar no assunto sem que para isso precise levantar da cadeira. Há links que podem se apresentar interessantes para um leitor e não para outro. E de link em link o leitor vai criando uma estrada única e, com isso, uma leitura ímpar. "Na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e escolhem personagens, realizando saltos com base em informações referenciais" (CORREIA e ANDRADE, 1998). Não podemos assim, pensar que o conhecimento se dará em linha reta, como quase acontece por meio de textos convencionais. Mas o hipertexto não nega o livro, ele é a sua continuidade, pois guarda com ele semelhanças intrínsecas, como podemos perceber nas palavras de Parente:

O hipertexto pode ser pensado tanto como uma ruptura quanto como uma continuidade com o universo do livro. Tudo vai depender de saber se o acerto se cai sobre o sistema de estruturação e recuperação de informação ou sobre forma processual, que no hipertexto é multissensorial, dinâmica e interativa (PARENTE, 1999, p. 76).

E se a vida apresenta-se na tela do computador via hipertexto, é uma ilusão querer encontrar a mesma vida antes pautada em papel e tinta de maneira estanque.

Por isso mesmo, Parente não vê nisso o fim do livro; ao contrário, ele diz que nunca lemos tanto quanto nos nossos tempos. Para ele o livro e a leitura estão vivos como nunca estiveram, com a diferença apenas que com o hipertexto temos a velocidade a nosso favor e uma possibilidade de interação muito maior, pois o leitor pode tanto escolher o caminho por que irá passar ao ler, como ainda pode alterar mesmo o conteúdo do texto (PARENTE, 1999, p. 77).

ÚLTIMAS PALAVRAS

A EAD traz em si novas possibilidades de inclusão do humano no mundo, na vida. Contudo, encará-la apenas como nova possibilidade é perceber apenas parte de suas faces.

A EAD é possível e necessária diante das novas demandas do mundo contemporâneo que traz uma profusão de novos paradigmas nunca antes pensados na história. E diante da EAD aparece a figura do tutor, o ser por trás da máquina e tornam conexões possíveis, por meio de uma dialética permitida pelas muitas mídias de que dispõe na rede de computadores, mas, sobretudo, pelos atributos humanísticos necessários a tal profissional.

Os limites entre o real e o virtual se tornam pouco perceptíveis e a própria noção de leitura já não é a mesma diante da realidade do hipertexto que tomou parte do lugar do livro e, com isso, o lugar da leitura e do pensamento linear.

Assim, diante da irreversibilidade da revolução digital, entender as possibilidades da nova escola é compreender que a relatividade das distâncias consiste em fazer educação de uma maneira mais próxima de que nunca: via computador. E a relatividade da modernidade está em podermos ficar mais humanos porque interligados por máquinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Marisa Antonini Ribeiro e GUIMARÃES, Eliane Marina Palhares. Distance learning in the nursing area: report of an experience. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Set./Oct. 2003, v.11, n.5, p. 685-691. ISSN: 0104-1169. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000500018&script=sci_arttext>. Acesso em: 10/08/2014.

CHAVES, Eduardo. Tecnologia na educação: conceitos básicos. 1999. Disponível em: <<http://www.feg.unesp.br/~saad/zip/EADConceitosBasicos.htm>>. Acesso em: 10/08/2014.

CORREIA, Cláudia e ANDRADE, Heloísa. Noções básicas de Hipertexto. 1998. Disponível em: <<http://hipertexto-alunasdeletras.blogspot.com.br/2007/09/noesbsicas-de-hipertexto-cludia.html>>. Acesso em: 10/08/2014.

EMERENCIANO, Maria do Socorro Jordão *et al.* Ser Presença como educador, professor e tutor. 2002. Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/textos_ead/695/2005/11/ser_presenca_como_educador,_professor_e_tutor_>. Acesso em 10/08/2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LEMLE, Marina. Educação contra a exclusão digital. Disponível em: <<http://inclusaodigital.setrem.com.br/levy.htm>>. Acesso em: 10/08/2014.

MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. A educação a distância: uma visão integrada. Trad. Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, José Manuel. O que é educação a distância. 2002.

NERI, Marcelo Cortês. Mapa da exclusão digital. 2003.

PARENTE, André. O hipertextual. Revista Famecos. Porto Alegre. 1999.

PASSARELLI, Brasilina. Teoria das múltiplas inteligências aliada à multimídia na educação: novos rumos para o conhecimento.